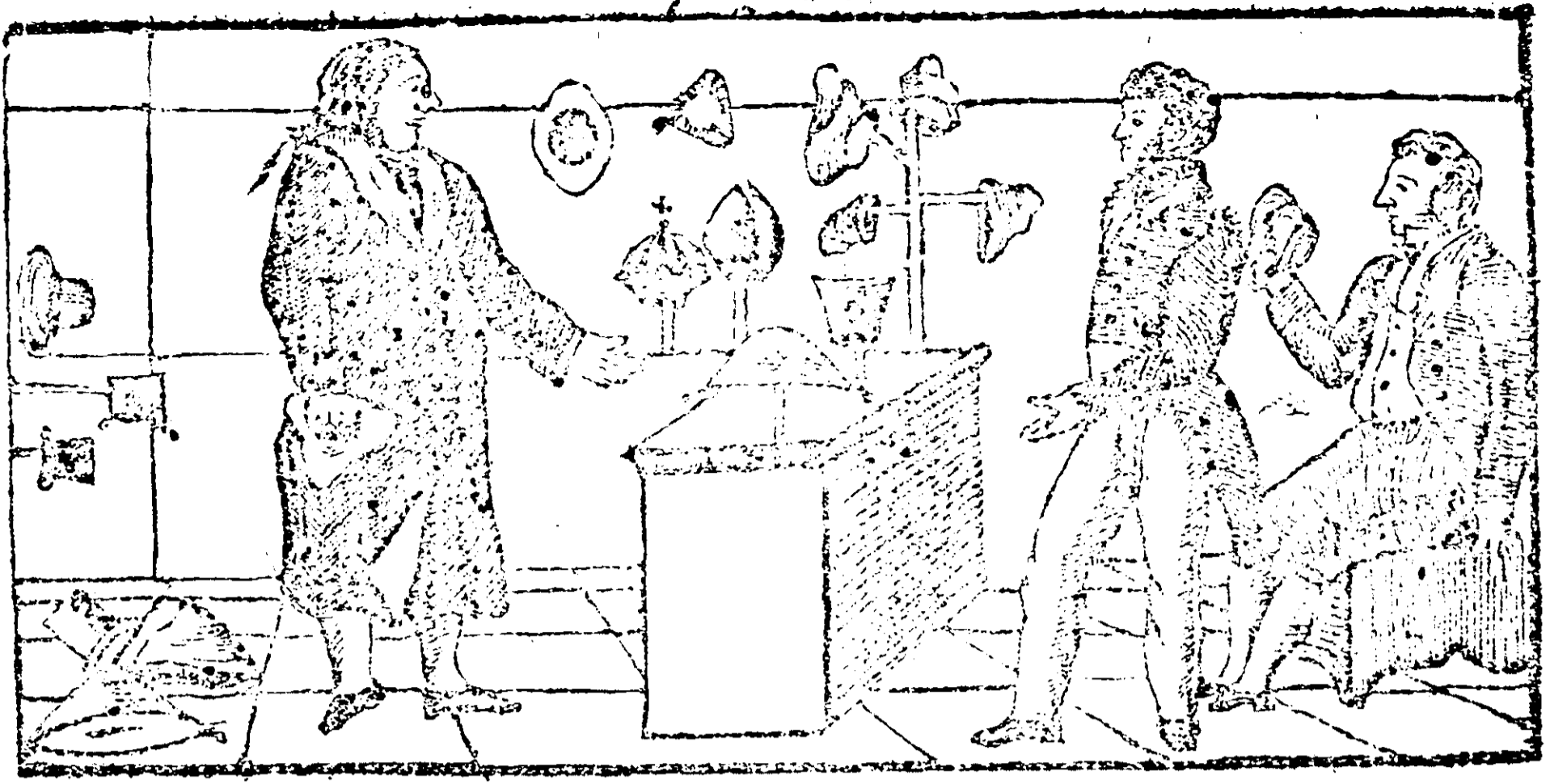


O  
CARAPUCEIRO

25 DE OUTUBRO  
DE 1837



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

## O systema que felizmente nos rege.

Assis provas hei dado em meus pobres escriptos da adhesão, e respeito, que consagro ao Regimen Monarchico Representativo: mas huma dolorosa experiencia me tem ensinado a distancia, que vai da pratica à theoria, e que liberdade absoluta he hum sonho de Utopistas, que pretendem governar o homem em abstracto, e não os homens deste, ou d'aquelle paiz, com estes, ou aquelles habitos, &c. &c.

Muito fallão os Snrs. Publicistas, e os Periodiqueiros muito mais, á cerca da Representação Nacional, e dizem, que onde estão reunidas as duas Camaras, ali está a Nação representada, e quanto aquellas fizerem he a expressão da vontade geral: mas será tudo isto assim? Observemos os factos. O nosso Brazil conta mais de 3 milhões de população livre; e creio, não serei exagerado, se disser, que nem um milhão dá os seus votos nas eleições primarias. Ora se a escolha dos Representantes está na razão directa do numero dos Representados,

que volão; segue-se necessariamente, que taes eleitos representão menos da 3.ª parte da Nação: e como se nos embaça, dizendo, que são Representantes de toda a Nação? Se mais de metade desta nem directa, nem indirectamente concorre com a sua vontade, com o seu voto para tal Representação, como se afirma ao illudido povo, que ali estão os seus Representantes?

Acresce, que nem dessa mesma terça parte da Nação são os eleitos Representantes; por que he facto incontraverso, e até passa por axioma politico de muita gente, que a caballa he a alma das eleições; e se assim he, como estamos vendo todos os dias; segue-se indubitavelmente, que em ultima analyse os eleitos não são outra cousa mais, do que Representantes do gosto, da protecção, d'amisade, do compadresco, da sympathia dos Eleitores, cujo conluio prevalece; por que certissimamente todos os mais votantes não quizerão taes candidatos. E como se nos embaça, afirmando, que quantas medidas tomão, quantas cousas fazem taes eleitos são

MUTILADO

expressões da vontade geral? As mesmas leis são muitas vezes decididas pela vontade de hum Deputado, que fez pender a decisão para aquelle lado; para ellas não concorrerão nem directa, nem indirectamente mais de dous milhões de Brasileiros; algumas até são contrarias á felicidade publica, outras opprimem os Povos, como sejam varios impostos; mas não obstante tudo isto, a Lei he a expressão da vontade geral, isto he; não há Lei, que não seja do agrado da maioria da Nação; quando em ultima analyse, e praticamente fallando a Lei não he outra cousa mais, do que a expressão do partido dominante: mas em se dizendo — *O systema, que felizmente nos rege* — está tudo remedeado, e vamos huma maravilha.

Além disto fação os espertalhões os elogios, e zumbaias, que quizerem ao Povo: dem lhe não só soberania, se não omnipotencia, seja embora o da França, o de Inglaterra, ou dos Estados Unidos da America; o certo he, que o Povo só soberano de facto no acto das revoluções, fóra disto he sempre menino; pelo que em vez de darmos aos Snrs. Deputados, e Senadores o nome de Representantes, o que não passa de mera ficção, mais acertado, mais proprio, mais justo me parece, que sejam chamados Tutores, e Curadores do Povo, que he sempre pupillo. O Tutor he instituido pela Lei, e não por escolha, e aprazimento do Tutellado, assim são os Deputados. O Tutor faz sempre o que entende, sem s'importar com a vontade do seu pupillo; e não he isto o que fazem os nossos chamados Representantes? O Tutor ordinariamente vive á custa dos bens do pupillo, importando-se bem pouco, ou nada dos interesses deste; e seria difficil indigitar Senadores, e Deputados, que estão no mesmo caso a respeito do Povo? Demos os seus devidos nomes ás cousas, e digamos com Boileau.

*" Je apelle un chat un chat, et Roi-*

*let un fripon. "*

Se leio qualquer criminalista moderno, fico arrebatado dos encantos, que offerce em theoria o julgamento por Jurados, e varios Escriptores me asseverão, que esta instituição tem sido mui proficua na Inglaterra, e nos Estados Unidos: mas poder-se-á dizer o mesmo a nosso respeito? Quaes os beneficios, que temos colhido dos Jurados? Tem-se feito justiça? Tem diminuido entre nós o numero dos crimes? Nada disto. A historia do nosso Jury ( com poucas excepções ) he lamentavel, e vergonhosamente escandalosa. O assassino inveterado, e professional, o faccinoroso conhecido, em tendo a protecção ( que quasi nunca falta ) de taes e taes Patriotas, de taes e taes pessoas influentes, pode contar com a impunidade; por que os Juizes de facto ( salvas sempre as honrosas excepções ) são tão accessiveis aos pedidos, ás amisades, aos compadrescos, &c. &c., como erão os antigos Juizes letrados, e de Direito. No velho regimen muitas vezes os mais criminosos escapavão ao castigo, huma vez que tivessem bons padrinhos, e principalmente o sancto, e milagroso dinheirão; porém de ordinario jazião em prisões por largos tempos; e quando saião destas per protecções, &c. &c., saião de certo modo bem castigados, já pelo tempo de prisão, já pelo muito que dispendião com o Escrivão, que era huma esponja, com o Advogado, que era huma sanguexuga, e com o Snr. Magistrado, que se regalava: mas hoje com os Jurados nada disto se faz preciso. Basta, que o malvado tenha já de sobre mão, ou procure o valimento de certos sujeitos poderosos, e influentes na Comarca, na Cidade, na Villa, &c. para ser absolvido; por que a omnipotencia Parlamentaria, que outr'ora tanto acabrunhou a Grã Bretanha, existe em toda a sua plenitude no systema dos Jurados. Estes podem condemnar hum innocente, e absolver o maior faccinoroso sem

MUTILADO

a menor sombra de responsabilidade, senão para a sua consciencia, e para com Deos: mas se taes Juizes, bem enfrascados nas maximas do Filosofismo ( tão mimoso, e tanto do grande tom ) acreditarem em consciencia, e em Deos mesmo meuos, que em *lubishomen*, e em vampiros de D. Calmet; que bens se pode esperar do *systema*, que *felizmente nos rege*? Se a Religião he precisa em toda, e qualquer forma de Governo, no Regimem Representativo he ainda mais necessaria, que em nenhum outro; pois que nelle muitos dos mais vitaes negocios são committidos ao foro da consciencia. E será possível, que huma mãe, a quem assassinão barbaramente o filho querido, huma esposa, a quem arrancão o marido, ficando no mais horrivel desamparo, veção absolvidos pela omnipotencia, ou prepotencia do Jury os barbaros matadores; e digão — *Viva o systema, que felizmente nos rege*? — Entre nós finalmente he tal o menospreço, que se faz da consciencia, que se pede a hum Juiz de facto o seu voto em favor de hum assassino, como hum amigo pode pedir a outro o seu cavallo emprestado!

Mão me tazeim de exagerado; por que eu apello para o testemunho irrefragavel dos factos, e á vista delles, que são tantos, e tão repetidos, quem ousará desmentir-me? Em certa commarca chegou o escandalo a tal ponto, que para absolver a hum assassino publico, e horroroso, como se suspeitasse, ou houvesse probabilidade de que a mór parte dos Juizes não se dobrava a empenhos, ferão despendados da Sessão, e chamarão-se outros de molde, e que já estavam predispostos em favor do faccinoroso. E entoemos hymnos ao *Systema que felizmente nos rege!!!*

N'outros tempos, que costumamos chamar do despotismo, (como se hoje esta fazenda fosse contrabando) com hum Juiz de Fóra, hũ Ovidor, Corregedor, e com duas, ou tres Relações em differen-

tes Provincias administrava-se a justiça, corrião os pleitos, e tudo se fazia com muito menes dispendio. Hoje multiplicação-lhe os Juizes com sobejidão: os Juizes de Paz pulullão em cada canto; como beldroegas; Juiz de facto, segundo o *Codigo divinal*, he quasi todo o ente, que anda em dous pés, e falla, Juizes de Direito do Crime, Juizes de Direito do Civil, Juizes Municipaes, Relações: os Advogados não tem par, nem conta, &c. &c.: mas pergunta a minha curiosidade: temos nós melhorado á cerca da administração da justiça, que he o grande caso? Respondão os infelizes, que naveção nos mares do Fóro. Os pleitos parece, que se multiplicão na rasão directa do maior, ou menor numero dos agentes da Justiça; a trapaça forense tem requintado, a corrupção, a venalidade, a ladroice quasi que andão na ordem do dia; e todos a nos derretemos pelo *systema que felizmente nos rege!* Hum grande trampolinciro, e gerigote de profissão põe-me huma demanda de ladrão cadimo; dá cebo nos pés do Procurador, ( que he huma dobradura ) unta as mãos ao Escrivão, engraxa, e dá lustro ao Magistrado e a final de contas tenha eu a rasão, que tiver, mostre embora a minha justiça, tão clara, como a luz meridiana, se não souber tanger os pauzinhos, e principalmente se não tiver com que matar a fome canina da Justiça, hei de ficar sem a minha propriedade, e em cima disto sou obrigado a gabar o *systema que felizmente nos rege!* De maneira que gasta o Brazil hum horror de milhões, que todos saem do suor do Povo; e o melhoramento he o que estamos vendo, e lamentando.

Se olhamos para o sangue do Estado, que he o dinheiro, vemo-lo em hum marasmo, que faz dó. O nasso *systema monetario* he huma calamidade publica. Antigamente os metaes preciosos circulavão abundantemente por toda a parte: com trezentos, e quatrocentos mil reis

MUTILADO



de moeda forte o Funcionario Publico sustentava decentemente a sua familia, e ainda lhe sobrava alguma coisa para as dispezas extraordinarias; hoje o mesmo Empregado percebe 800\$, hum Cento, e mais, e não lhe chegam para as suas precisões. Nesses ferrenhos tempos do despotismo nunca os agentes do Poder se lembrãõ de elevar o valor nominal da moeda de cobre tanto à cima do seu valor intrinseco, que convidassem com isto a todo mundo cunhar cobre; porém depois do Systema, que felizmente nos rege, appareceo o feiticeiro *chanchã*: não houve quem se não desse ao fabrico de dinheiro. Figuiões da primeira ordem cunhavão-o quasi de publico; e quando o flagello chegou ao seu cumulo, julgou-se melhorar tudo, impiagindo-nos as senhoras Sedulas, que em ultima analyse he dinheiro imaginario; e por mais anjinhos, e Cupidinhos, que lhe estampassem, por mais garatujas, de que circulassem as taes sedulas, d'aqui a dous dias o Estrangeiro muito provavelmente abarrola-nos desses papelinhos, de maneira que o Thezouro talvez nunca mais as possa resgatar. Nos tempos calamitosos do Rei Velho trazia o bom matuto a sua carga de assucar, d'algodão, de feijão, &c., e voltava com o cinto pejado de prata, e ouro; agora torna tão levezinho, como huma penna, levando quatro papelinhos, que se molhão no rio, que caem na lama, e não servem mais, &c. &c. *Viva o systema que felizmente nos rege.*

Antigamente as Auctoridades erãõ respeitadas, e de prompto obdecidas: mas hoje quem hã hi, que faça caso de Auctoridades? Quem hã, que mereça o respeito publico? Triste do Agente do Poder, triste do mesmo Poder, se ousa cumprir com o seu dever chamando os seus subordinados á execução da Lei: ahí está o prelo ás suas ordens para derramar o opprobrio, o insulto, &c. &c. sobre o *impostor*, que ousou encomodar hum Cidadão livre; e se chega a ir,

ao Jury, este por via de regra he hum vi veiro de bons padriões. Por outra parte se essas mesmas Auctoridades deitãõ-se a valentes, e tem de guarda costas sicarios assoldados, tornãõ-se Bachas, fazem o que querem, e zombão da responsabilidade. Finalmente tudo vai mal, e pesimo por culpa nossa; por que nós tãõ estavamos dispostos para tanta cousa: quando vir, que somos respeitadores, e seguidores da Religião de nossos Pais; quando vir moralidade, e obediencia, e execução das leis; então direi com justiça, e de todo o coração. — *Bem haja o Systema, que felizmente nos rege* -; por que eu já não creio em theorias, sò creio em praticas: queremos obras, e não palavreado.

#### VARIEDADE.

##### *Informação dada por hum Empregado Publico sobre o requerimento de hum pretendente.*

Ao homens honrados, aos bons Cidadãos *assoma-se* as faces, e a vergonha, quando fallão sem Lei, e sem caracter da verdade. Contra a Lei não há costumes, e sim criminosa corrutella, que seria punida se chegasse ao conhecimento do *Poder Executivo*. A presente pretensão não tem o cunho da verdade, e nem apoio na Lei; por que dos Documentos N.º 1, e 2, evidencia apresentar-se em Juizo Jozè de Messias de Jezus, requerente: o que dos mesmos documentos se evidencia pode; e do numero 9 claramente vejo o que por modestia *silenciar* quero, quando elle jaz em gloria desde 20 de Agosto de 1836 por ter fallecido no Hospital Regimental do 4.º Corpo d'Artilharia; e que apesar de não ter os olhos, e braços de *Brialão*, com tudo procurei, e vi das preteritas Relações de mostra, e encontrei mais que o mez passado com actimonia eu informado havia huma pretensão relativa a outros vencimentos, que este mesmo Messias quando já fallecido requeria: assim por o Despacho supra não produz o effecto desejado, sem que o significante prove, que a minha afirmativa he falsa.

Perã: na Typ. de M. F. de Farias. 1837.

MUTILADO